

OS DESDOBRAMENTOS DO LUTO E DA MELANCOLIA NO ROMANCE *A DESUMANIZAÇÃO*, DE VALTER HUGO MÃE

Diogo Duarte Prado¹
Tainá Duarte Almada²

Resumo: Artigo com o intuito de analisar a presença do luto e da melancolia no romance *A desumanização*, do escritor português Valter Hugo Mãe. Neste trabalho, far-se-á uma reflexão acerca de como tais categorias se apresentam na narrativa, do mesmo modo será observado o quanto as personagens são influenciadas por questões como a perda e a tristeza. Aprofundar-se-á no âmbito emocional e psicológico de cada um dos constituintes da ficção de Mãe, atentando para como a identidade e as relações afetivas são modificadas pelo luto e pela melancolia. Usufruir-se-á dos pensamentos de teóricos como Walter Benjamin, Sigmund Freud, Jean Starobinski, dentre outros.

Palavras-Chave: Luto. Melancolia. Literatura Portuguesa. Valter Hugo Mãe

O romance *A desumanização* (2013) se passa nos fiordes islandeses, em uma comunidade afastada, isolada dos centros urbanos, em que há uma considerável valorização dos costumes locais. Este universo é abalado pela morte de uma das personagens principais chamada Sigridur, irmã gêmea de Halla, ocorrido que acaba por evidenciar uma falta de estrutura emocional e psicológica dos indivíduos daquele local, principalmente do núcleo familiar das gêmeas.

Antes de adentrar na análise da ficção, far-se-á um percurso reflexivo e histórico acerca das categorias do luto e da melancolia. Observando-se as perspectivas que existem quanto as mesmas. Para essa primeira parte, usufruir-se-á dos teóricos Walter Benjamin (1892-1940) e Jean Starobinski (1920).

Começando pelo luto, observa-se que essa categoria se encontra presente na humanidade desde que a mesma se atentou para a significância que há na perda, ou seja, como a ausência de algo precioso pode afetar o sujeito. O vazio que advém do luto causa um sofrimento considerável, que consome não só o emocional, mas os próprios pensamentos. A partir da perda, muitas vezes relacionada a ideia de morte, aquele atingido pelo luto se sente

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil. Mestre em Letras pela mesma instituição. Email: diogoduarteprado@hotmail.com

² Mestranda em Letras - História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Email: tainaladeira@gmail.com

afetado por uma espécie de dor, a qual se fixa em si por um determinado tempo.

Alguns artifícios são usados para suportar a agonia gerada pelo luto. A religião é uma destas, assim como a própria tradição, a moral por excelência, defendendo um discurso de aceitação frente a tal situação, agindo como um “cimento” social, uma estrutura que ajuda a preencher o vácuo vindo desta privação.

Assim, percebe-se que o indivíduo é, mais do que envolvido, consumido pelo sentimento de luto, tornando-se um ser a parte daqueles que o cercam. O enlutado possui peculiaridades, que podem desestruturar e impossibilitar um enquadramento na sociedade. Entretanto, deve-se ter ciência que há um aprofundamento do próprio sujeito nesta questão do luto. Este carrega em si uma reflexão constante sobre a vida, a morte e o significado de sua existência a partir de um sentimento de ausência. É por tal linha de raciocínio que segue Walter Benjamin.

Em *Origem do drama barroco alemão* (1928), Benjamin explora a ideia de luto, evidenciando que esta possui um aspecto tanto individual quanto coletivo. Destaca que tal sentimento estabelece uma ligação entre sujeito e objeto, havendo uma considerável importância do segundo na existência do primeiro. Para o teórico, o luto é “um sentimento dissociado do sujeito empírico e vinculado por um nexo interno à plenitude de um objeto” (BENJAMIN, 1984, p. 163). Logo, um laço é estabelecido por algo que, quando é perdido, compromete, machuca e desestabiliza o homem, porque tal objeto é de demasiado valor para quem o teve.

Gera-se, devido a isso, uma incompletude no enlutado, fazendo-o se sentir anormal em seu ambiente, fator que é ressaltado pelas outras pessoas que estão próximas de si, por serem incapazes de compreenderem as proporções de entristecimento, ou mesmo de dor, que afetam o indivíduo. Por consequência, aquele que vivencia o luto sente a necessidade de se resguardar, de se isolar, mesmo que apenas internamente, ou seja, no âmbito sentimental, da população exterior. Benjamin aponta:

Pois enquanto na esfera da afetividade não raro a relação entre a intenção e seu objeto experimentam uma alternância entre a atração e a repulsão, o luto é capaz de intensificar e aprofundar

continuamente a sua intenção. A meditação é própria do enlutado. (BENJAMIN, 1984, p. 163)

A meditação, que pode ser vista como um processo de reflexão, adotada pelo enlutado se trata de um modo de guardar para si as impressões, sentimentos e lembranças relacionadas ao objeto perdido e o luto em si. Tal posicionamento o afasta da realidade, definindo-o algo estranho aos olhos dos outros. Nada mais é feito do que a tentativa deste de ser submisso ao luto, criando uma fantasia para si, uma existência inventada que possa lhe preservar.

Benjamin já afirma que “O luto é o estado de espírito em que o sentimento reanima o mundo vazio sob a forma de uma máscara, para obter da visão desse mundo uma satisfação enigmática” (BENJAMIN, 1984, p. 162). Compreende-se satisfação como o objetivo de conviver consigo mesmo e na sociedade, a qual este não vê mais sentido em fazer parte, adotando-se, para isso, uma máscara, algo como uma ilusão que tente apaziguar sua tristeza. Quando há uma maior intensificação do sentimento de luto com o passar dos tempos, aproxima-se mais do estado denominado de melancolia, que será explorado a seguir.

O tema da melancolia, assim como o do luto, transita nas mais diferentes áreas, que vão desde a medicina, passando pela psicologia e filosofia, do mesmo modo que também é expressado na literatura. Historicamente, a melancolia era vista como uma doença que tinha um órgão específico como agente catalisador. Porém, com os avanços da humanidade, como dos estudos, tornou-se inviável delimitar uma única causa para tal fator.

A partir dos estudos do crítico Jean Starobinski, foi possível perceber, ao longo do trajeto histórico da melancolia, as mutações de significado desta categoria. Em seu livro *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza* (2016), são feitas reflexões acerca deste percurso da melancolia na história. Atentando-se para o fato de que a melancolia é algo tão antigo quanto a civilização, Starobinski ressalta:

Não é possível retrair a história do tratamento da melancolia sem interrogar a história da própria doença. Pois não só as terapêuticas modificam-se era após era, mas os estados designados pelo nome de

melancolia ou depressão não são idênticos. (STAROBINSKI, 2016, p. 15)

Segundo Starobinski, com a chegada da época moderna, percebe-se a introdução de novos conceitos para se remediar tal fator de cunho prejudicial. Um destes é a questão de se atribuir maior responsabilidade ao sistema nervoso pela melancolia, pois é através de tal sistema que “o homem percebe a si mesmo, toma conhecimento do mundo e reage às impressões que lhe são comunicadas” (STAROBINSKI, 2016, p. 65).

Devido a esta ideia, a melancolia perde o seu sentido de doença puramente fisiológica e passa a ter uma significação mais profunda, afetando o eu e as suas relações externas. A partir de tal perspectiva, considera-se esta categoria como um desequilíbrio, um descontrole da mente e do comportamento do sujeito.

O desequilíbrio comportamental pelo qual passa o sujeito melancólico tem como um dos possíveis resultados uma tristeza profunda, que culmina em intensa depressão. Tal sentimento o domina de um modo que lhe traz sofrimento, apatia, além de desgosto por si mesmo e pelo mundo, que culmina em alimentar uma ideia fixa de que tudo ao seu redor está em ruínas, ou seja, há uma sensação de decadência tanto interna como externa. Starobinski observa: “A tristeza depressiva é o eco duradouro de uma ‘ideia aflitiva’ da qual o sujeito não consegue se livrar. Os fenômenos somáticos tendem, então, a passar ao nível de consequências do estado melancólico” (STAROBINSKI, 2016, p. 108).

Pode-se pensar que tal fator consome cada sujeito de uma maneira diferente, havendo um comprometimento do corpo pelo estado “danificado” em que se encontra a mente, podendo levar o homem a oscilações de humor. Desse modo, pensar-se-á na presença destas ideias no romance *A desumanização*, relacionando as palavras de Benjamin, Starobinski, dentre outros teóricos, com a postura adotada pelas personagens do romance português.

Na ficção de Valter Hugo Mãe (1971), mostra-se evidente o quanto as irmãs eram não apenas próximas, mas ligadas física e emocionalmente, sentindo que uma fazia parte da outra. A morte causa uma ruptura e um fardo naquela que sobrevive, tornando-a incompleta: “Éramos gémeas. Crianças

espelho. Tudo em meu redor se dividiu em metade com a morte” (MÃE, 2014, p. 9).

Percebe-se, em um primeiro momento, como a perda abala a realidade da personagem, sendo tal questão enfatizada pelos cidadãos do vilarejo que diziam que a irmã viva carregava “duas almas”, que Halla representava a imagem da irmã que se fora. Sendo acrescentada a Halla a obrigação de viver por duas, carregar em si a vida perdida de Sigridur. A comunidade começa a ver Halla como uma “aberração”, algo insólito para aquele lugar, pois a mesma parecia incompleta, desfigurada para aquele povo. Sem Sigridur, ela não era mais a mesma.

A identidade da personagem sempre se encontrou vinculada a da irmã. Devido à perda, suas relações sociais são afetadas, dificultando a convivência no vilarejo. Na perspectiva de Paul Ricoeur (1913-2005), exposta em *Percurso do reconhecimento* (2005), é no convívio em sociedade que há uma [...] capacidade de instaurar vínculos sociais sob a figura das identidades ligadas a eles” (RICOEUR, 2006, p. 150). Portanto, a morte de Sigridur, ao modificar a existência de Halla e, conseqüentemente, sua identidade, coloca-a em uma posição de dificuldade em construir laços afetivos, do mesmo modo que funciona como um impasse para a retomada de sua antiga vida.

Halla começa a sentir uma aflição, uma obrigação de manter a sua imagem, sua aparência, similar com a da irmã que se fora. Tal ação tinha como justificativa que era a única maneira de ambas continuarem sendo gêmeas, portanto, ligadas, suavizando-se a tristeza que sentia. Entretanto, o estigma da morte era tão forte, como a relação das duas, que Halla passou a ser vista como “a menos morta” (MÃE, 2014, p. 13). Desse modo, o sentimento de perda segue Halla em boa parte da narrativa, estando presente nos seus atos e na sua fala.

Conseqüentemente, é perceptível o impacto da morte no pai e na mãe das personagens. Observando-se como este evento proporcionou a desintegração e ruína do núcleo familiar, o qual, não sabendo lidar com a situação, acabou por enfraquecer os laços afetivos. O pai se mostrou como um homem que recorreu à fuga, utilizou-se do trabalho para se manter longe de casa. Já a mãe, incapacitada de lidar com tal dor, direciona para Halla toda a

sua lamentação e sofrimento, como uma forma de expurgar aquela sensação de tortura que a consome.

O fato de Sigridur ter morrido os atinge de tal maneira que o núcleo familiar é partido, perturbado por esta força demasiado intensa que se chama morte, capaz de destruir a existência. Nas palavras do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), em seu livro *As dores do mundo* (1850), “A vida nunca é bela” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 95), e o fator que enfatiza essa perspectiva, pode-se dizer, é a inevitabilidade da morte.

A temática da morte está presente na obra de um modo crucial. É a partir dela que as personagens sentem contato com tamanha dor e sofrimento, os quais não lhes eram conhecidos, ao ponto de que a vida de cada um se altera após esse acontecimento, que é a perda de Sigridur. O filósofo La Rochefoucauld (1613-1680) diz, no livro *Máximas e Reflexões*, que “É iludir-se acreditar que a morte vá aparecer de perto como foi julgada de longe e que nossos sentimentos, que são pura fraqueza, sejam de têmpera bastante forte para não sofrer o golpe mais rude de todas as provas” (LA ROCHEFOUCAULD, 2007, p. 75). É uma tarefa árdua resistir a morte, pois, como é bem retratado na narrativa, é um evento que afeta o sujeito de modo significativo.

Todas as características, evidenciadas no romance, são condizentes com as teorias que discutem a respeito do luto e da melancolia. A morte de Sigridur serve como estopim para desencadear reações entre as personagens que, mais do que comprometer a convivência entre si, tornam-se marcadas pela agonia da perda daquilo que amavam. Para explorar tais temas, serve-se dos pensamentos de Sigmund Freud (1856-1939) em seu escrito *Luto e melancolia* (1917).

Segundo Freud, o luto é uma reação à perda do objeto amado, levando este indivíduo ao processo de entristecimento, que gera um vazio no interior psíquico do ser humano que com o tempo diminui, transformando-se em uma espécie de aceitação: “O luto, via de regra, é a reação a perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc” (FREUD, 2011, p. 47).

Enquanto que a melancolia também envolve a perda do objeto amado, porém ocorrendo lamentações de maior intensidade pela ausência, não

havendo aceitação ou superação da apatia que envolve o sujeito. Com este expressando culpa e condenação a si mesmo, ou seja, a um “Eu” que se vê, ao mesmo tempo, tanto responsável como afetado por essa questão:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade e um rebaixamento de sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, chegando até a expectativa delirante de punição. (FREUD, 2011, p. 47)

Partindo destes pressupostos, pode-se observar na ficção a intensa presença dos aspectos discorridos nas personagens. Analisando Halla, percebe-se uma menina solitária e desorientada, que vê o seu mundo se desestruturar a partir do luto que sente pela morte da irmã. A protagonista se vê imersa em sentimentos de agonia, envolvida por uma ausência, possuindo dificuldades de viver depois da morte da irmã.

Pode-se exemplificar o que é sentido por Halla através das palavras de Schopenhauer: “Uma grande dor, uma grande desgraça podem nos obrigar a conhecer as contradições da vontade de viver consigo mesmo, e mostrar-nos nitidamente a inutilidade de todos os esforços” (SCHOPENHAUER, 2014, p. 116). Sigridur era parte de si, aquilo que a personagem tinha como referência, principalmente pela admiração que nutria pela mesma. A realidade sem este ser amado é um martírio, dolorosa de se arcar, gerando na personagem Halla a vontade de apenas desaparecer, devido à dificuldade que era existir em um local no qual se exigia a responsabilidade de se viver por duas:

A dor não desaparecia, apenas recuava para avançar depois com maior violência. Culpava-me pela distração. Pensava que era humilhante cada instante de alheamento. Queria sempre fugir. Haveria de sair dali, era como sair de mim se eu não estiver aqui, eu não sou eu. (MÃE, 2014, p. 123)

A comunidade em que Halla reside reforça a responsabilidade de viver por duas, gerando na personagem um fardo demasiado pesado, obrigando-a a sustentar a existência perdida da irmã, como se fosse trabalho seu a manter presente no vilarejo. Pode-se dizer que há em Halla o encargo de preservar uma memória permanente de Sigridur.

O luto, dessa maneira, afeta-a causando dor e um desejo de repensar sobre quem ela é, pois surge uma crise de identidade. Perder aquilo que ama faz com que queira desaparecer e, ao mesmo tempo, sintase “sufocada”. Possibilita-se dizer que na personagem “[...] ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo” (FREUD, 2011, p. 49). Além de desejar manter a aparência da “mais morta”, Halla tem como objetivo ter a irmã “junto a si”, sentir sua presença como um fantasma, agarrar-se às lembranças aguardando um absurdo retorno.

Neste ponto, tem-se dois aspectos que merecem destaque. O primeiro, trata-se da relação entre o luto e a memória. A perda se encontra como uma marca, um registro que nunca se apaga em meio as recordações. O enlutado revive, na sua mente, a perda. Sente-se em uma prisão de amargura, envolto pelo ápice da tristeza, que é o fim daquilo que amava, o momento que foi “frisado” em suas recordações. Halla é apegada a tais recordações, estas têm como imagem principal a irmã, e possuem como “preço” o desgaste que a extenua, tanto no núcleo familiar como em meio aos cidadãos do vilarejo.

Essa dificuldade gera em Halla aquilo que Ricoeur define, em *A memória, a história, o esquecimento*, como “uma memória ferida, e até mesmo enferma” que advém de “traumatismo, ferimentos, cicatrizes, etc” (RICOEUR, 2007, p. 83). Feridas estas que se encontram no âmbito sentimental, reabertas e ainda mais dolorosas quando os indivíduos do vilarejo, e mesmo a sua própria mãe, ressaltam a responsabilidade que ela possui de viver por duas. Dessa maneira, o luto é uma constante na sua memória, conduzindo os seus passos. Como diz Ricoeur: “A lembrança não se refere apenas ao tempo: ela também requer tempo – um tempo de luto”³ (RICOEUR, 2007, p. 87).

O segundo aspecto é quanto a uma memória que, de tão intensa e fixada pelo sujeito, vem a se transformar em um fantasma, em algo que persegue e, de determinada maneira, assombra o indivíduo. Desta forma, pode-se identificar a exacerbação desse objeto desejado que, pela teoria de Giorgio Agamben (1942), posta-se como um enamoramento por tais memórias.

³ Atenta-se que a ideia de “tempo de luto” possui relação com a proposta de trabalho de luto, discorrida por Freud, na qual Ricoeur toma como base. O trabalho de luto se constitui em uma reflexão sobre o estado do enlutado, havendo para a compreensão deste o diálogo com um psicanalista, ou mesmo com qualquer outra pessoa, buscando-se superar a perda através de uma aceitação ou entendimento.

O mesmo a define, em sua obra *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental* (2007), como o “Fantasma de Eros”⁴, uma miragem advinda do desejo, ou seja, a imagem daquilo que se amou, mas que se perdeu.

Segundo Agamben, os efeitos que tal enamoramento pelo fantasma geram são, além da obsessão, uma dificuldade de discernir e aceitar a realidade, resultando em “[...] psicoses alucinatórias do desejo, que se apresentam como reação diante de uma perda que a realidade afirma, mas que o eu deve negar por não poder suportá-la” (AGAMBEN, 2007, p. 49).

Seguindo tal perspectiva, percebe-se que há na personagem da narrativa de Mãe um conflito. Por um lado, Halla tenta, dentro da possibilidade que lhe permite o sofrimento pela perda, aceitar o fim da irmã. Em contraponto, a partir de uma das conversas que teve com Sigridur no passado, esta pede que Halla se lembre dela, observe o mundo por ela, mantendo-a ligada àquele espaço. Observe-se o trecho abaixo:

A minha irmã perguntou: e durante a morte vais pensar em mim, e vais ao cabeça espiar as baleias para que eu veja as baleias durante a morte. [...] Vais sentir a minha falta. Halla, tu achas que eu vou poder saber o que passa durante a tua vida e saber se sentes a minha falta. (MÃE, 2014, p. 24)

Evidencia-se na cena apresentada uma espécie de promessa entre as duas, a qual dá um tom de obrigatoriedade à Halla, que não se permite seguir em frente. Nesse momento, surgem traços de melancolia na personagem.

O luto, em algum momento, deve ser superado. Contudo, quando existe um “compromisso” com os sentimentos da perda, negando-se o desprendimento destes, há um teor melancólico. Freud observa que na melancolia “[...] o objeto não é nada simples e se complica pelo conflito de ambivalência. [...] inerente a cada uma das ligações amorosas desse ego, ou surge justamente das experiências acarretadas pela ameaça de perda do objeto” (FREUD, 2011, p. 81).

⁴ Agamben discorre o seguinte sobre a relação entre melancólico, objeto perdido e fantasma: O objeto perdido não é nada mais que a aparência que o desejo cria para o próprio cortejo do fantasma, e a introjeção da libido nada mais é que uma das faces de um processo, no qual aquilo que é real perde a sua realidade, a fim de que o que é irreal se torne real. Se, por um lado, o mundo externo é narcisisticamente negado pelo melancólico como objeto de amor, por outro, o fantasma obtém dessa negação um princípio de realidade, e sai da muda cripta interior para ingressar em uma dimensão nova e fundamental. (AGAMBEN, 2007, p. 53)

Em Halla, as características do luto (a morte/perda do objeto amado) e da melancolia (a intensificação do luto somado a supressão de si mesma pelo sofrimento) se seguem em boa parte da obra. Estes aspectos a consomem, sendo os fatores que motivam seus atos e seu comportamento, exercendo a função de uma prisão.

Halla é vítima do encerramento da vida de Sigridur, porque si mesma, em parte, perde-se. Enluta-se com o fim da irmã, e se envolve com certos pontos da melancolia por estar vinculada aos sentimentos de afeto que carregava por Sigridur, direcionando-a para um incansável apego àquele ser.

Pela perspectiva de Friedrich Nietzsche (1844-1900), em *Além do bem e do mal* (1866), pode-se considerar que: “Ama-se por fim seus desejos, e não o desejado” (NIETZSCHE, 2013, p. 106). Desse modo, o enlutado, em boa parte das vezes, desgraça-se devido à dor que a perda lhe causa, do que propriamente o fim do objeto querido. O sentimento, em si, é egocêntrico, importando-se consigo mesmo em excelência.⁵

Além disso, a postura de Halla possibilita pensar em algumas ideias de melancolia desenvolvidas por Walter Benjamin. Em seu texto *Melancolia de esquerda*, Benjamin diz que a melancolia pode resultar de, mais do que uma apatia, um costume que “[...] deriva da rotina. Pois estar sujeito à rotina significa sacrificar suas idiossincrasias” (BENJAMIN, 1987, p. 74), e, mais do que isso, sujeitar-se ao sentimento negativo que surge da perda. No caso de Halla, ela se põe, em um período da narrativa, envolta pela rotina apática da melancolia, devido a um cenário de ausência, mais especificamente de ausência da irmã morta.

Outra ideia exposta pelo teórico é a de que o melancólico, devido ao fim do objeto de desejo, vê “um mundo vazio” (BENJAMIN, 1984, p. 162), um ambiente sem sentido e finalidade para si. Halla se sente deslocada sem Sigridur, a irmã era um dos “nexos” que a mantinha “coesa” no mundo. O sentimento melancólico domina o sujeito ao ponto de extrair qualquer beleza ou prazer que pode vir a existir em sua existência, nada faz sentido, e muito menos há sentimentos de alegria. Benjamin acrescenta: “[...] um abismo sem

⁵ Salienta-se que a interpretação adotada neste artigo é a de ver a dor da perda como algo que afeta o eu. Este não sente tristeza pelo fim do objeto amado, mas apenas pelo sentimento negativo de vazio que brota em si. A morte, desse modo, atinge apenas o vivo, tem significância para quem fica.

fundo. É o que ensina a teoria da disposição melancólica” (BENJAMIN, 1984, p. 165).

Ademais, os desdobramentos do luto e da melancolia atingem seu círculo familiar. A figura do pai aparece como um indivíduo que tenta acalmar e aconselhar Halla, revelando-se uma pessoa apegada aos costumes do local em que se encontra. Sendo o único provedor da família, utiliza-se do trabalho para justificar a sua constante ausência de certas questões que se passam na vida de sua esposa e de sua filha. Ao mesmo tempo em que tenta ajudar a filha, distancia-se do ambiente conturbado de sua família.

O pai possuía a necessidade de se afastar daquele ambiente, pois, de certa maneira, notava como a sua esposa e Halla eram consumidas pela perda, a qual o consumia também. Pode-se interpretar a sua postura como uma tentativa de escape para se preservar, usufruindo da natureza da Islândia como um refúgio:

O meu pai saía. Chovia e era noite. [...] Sabia que meu pai haveria de voltar depois de ter acalmado o bicho do corpo na desolação dos fiordes. Batera a porta num soluço mudo. Eu não duvidava que o coração o desafiasse, a bater trocado por tudo, assustado, tão surpreso quanto nunca. (MÃE, 2014, p. 56)

A impressão que a personagem passa é a de um sujeito que, em meio a tais dificuldades, vive em um “universo à parte”, como se estivesse não exatamente relacionado com o que ocorria. Contudo, o pai era visto com admiração por Halla, capaz de suprir o sofrimento dela, dando-lhe uma base para arcar com a morte de Sigridur.

No entanto, não é o que se percebe no decorrer da narrativa. O pai se mostra tão frágil e incapacitado para lidar com a dor como qualquer outro. Torna-se submisso ao luto, a melancolia, à dor e a tristeza. É possível que exista em si um temor de arcar com a perda e suas proporções no ambiente familiar, pois ficar próximo de sua família pode remeter àquela vida passada, “equilibrada” na qual todos os constituintes daquele lar se faziam presentes. Tenta escapar, afastar-se das figuras que lhe recordam do sofrimento causado pela morte de Sigridur.

Lembrar, desse modo, era um desgosto para a figura paterna, pois faria com que as imagens de um passado que não mais poderia voltar o

atormentassem, da mesma maneira que se recordaria de que seu presente é vazio. Logo, tentava impedir essas lembranças. Como observa Primo Levi (1919-1987), em *Os afogados e os sobreviventes*: “O melhor modo para defender-se da invasão de memórias difíceis é impedir seu ingresso, estender um cordão sanitário ao longo do limite. É mais fácil vetar o ingresso a uma recordação do que dela se livrar depois de registrada” (LEVI, 2016, p. 23).

O pai busca, então, suprimir tais memórias, usando como artifício para isso um afastamento, na tentativa de moldar a sua realidade de maneira que pouco o machuque. Essa ação é característica dos melancólicos que, na visão de Agamben, abandonam “precocemente a satisfação alucinatória do desejo”, construindo “uma espécie de prova da realidade” (AGAMBEN, 2007, p. 49).

Pode-se interpretar, também, de outro modo a maneira encontrada pela personagem de se afastar. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017), em *Tempos líquidos* (2007), “Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva” (BAUMAN, 2007, p. 15). Medo esse, no caso da personagem, gerado pela perda e pelo sentimento melancólico que consome, gradativamente, destroçando o seu emocional e psicológico, pois é a partir do medo que a insegurança e a impossibilidade de conviver naquele lar se forma, não havendo, para si, uma serenidade, um ambiente propício para residir.

Por estes fatores, considera-se que há na personagem características do luto freudiano, porque houve a perda do objeto amado, somada a uma tristeza e seguida pelo trabalho de luto na busca de superar os seus lamentos. Todavia, o pai não consegue necessariamente se sobressair a estes sentimentos, ainda sente o luto, mas existe uma tentativa de se desapegar daquela angústia, a qual, de certo modo, surte efeito em si mesmo que, ao seu redor, o espaço continue em ruínas.

Para Freud “[...] o notável é que esse doloroso desprazer nos parece natural. Mas de fato, uma vez concluído o trabalho de luto, o ego fica novamente livre e desinibido” (FREUD, 2011, p. 51). Naquela realidade, o luto se passa de maneira tão natural que ele não o consegue perceber. Diferentemente do que diz Freud, no caso do pai não há uma liberdade e desinibição. Pelo contrário, sem ter noção disso, a figura paterna se encontra, peculiarmente, também presa e afetada pelos acontecimentos que envolvem a família, mesmo que tente adotar uma posição defensiva e distanciada.

Opostamente, a mãe é a que possui as características mais marcantes de luto e melancolia. Desde o começo da narrativa, mostrou-se uma pessoa profundamente marcada pela dor da perda de Sigridur. Em um primeiro momento, nutrindo a esperança de que Halla pudesse servir como “ponte de vida” para a irmã morta, conferindo a esta a responsabilidade de enfatizar a ligação entre as duas gêmeas.

Porém, no desenvolver do romance, a postura da mãe se transforma drasticamente. Enquanto que antes desejava preservar a imagem da filha que se fora, através de Halla, agora deseja que a irmã viva morra, para não mais ter que arcar com aquele sofrimento. A figura materna passa a viver em uma espécie de irrealidade, na qual ela necessita que a filha que sobreviveu morra, para atingir algo como um “equilíbrio”, já que a outra parte da irmã estaria morta.

Nessa questão, motivada pelo desejo de se prender ao objeto amado, a mãe não é capaz de aceitar a continuidade da vida de Halla, mesmo que sua vontade seja a de obter Sigridur de volta. A personagem vive em um paradoxo, seus sentimentos são conflitantes, estimulados por essa presença fantasmagórica de Sigridur.⁶

Por tal raciocínio, “a melancolia surge essencialmente como processo erótico envolvido em um comércio ambíguo com os fantasmas” (AGAMBEN, 2007, p. 51-52), deseja-se, mas, de algum modo, tenta se afastar, ama-se, porém este amor causa angústia, situação a qual a mãe passa na narrativa.

Acrescenta-se a isso o fato de que a mãe, com o tempo, passou a externalizar em si mesma toda a dor que sentia, ferindo-se, mutilando-se, em uma tentativa de expurgar os seus tormentos através da dor física, e não puramente emocional:

Por vezes, a minha mãe sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura da louça. [...] Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha. E eu afastava-me, sempre prometida para a morte. Devias morrer, dizia ela ao deitar. A

⁶ A presença de Sigridur é fator crucial na obra. A mãe, como as outras personagens da família, está entrelaçada com este ser que, mesmo ausente, faz-se presente. A morte de Sigridur é o “combustível” que atormenta a mãe, afasta o pai e põe Halla em um estado de confusão e incerteza. O teor fantasmagórico é uma eterna lembrança do ser, e das situações, que passaram, mas insistem em não ficar no passado.

tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes. Tu podes chegar à morte com tanta facilidade. (MÃE, 2014, p. 33)

Inexistente à possibilidade de reaver o objeto amado perdido, nota-se a angústia da personagem em lidar com tal perturbação. É possível perceber características de um luto não superado, o que define um dos principais aspectos da melancolia. De acordo com Freud, o luto é passageiro, ocorrendo uma aceitação, diferente da melancolia que tem a característica de uma constante autopunição e de reforçar os laços com o objeto perdido.

Concluída a fase dolorosa, o indivíduo fica livre para prosseguir. A mãe é um ser que, devido a dor, inflige o seu desgosto não apenas em si, mas como naqueles que estão em seu entorno. Não há superação, apenas intensificação. Quanto a isso, Freud observa: “[...] o doente ainda tenta conseguir, por meio do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originários e atormentar seus seres amados através da condição de doente” (FREUD, 2011, p. 67). O ápice violento, por parte da mãe, desencadeia uma série de momentos hostis, nos quais ela agride Halla e, por consequência, é agredida pelo marido após este ver Halla mutilada.

Tais acontecimentos fazem com que se considere outro ponto relacionado aos efeitos do luto e da melancolia. Trata-se da questão do neurótico, abordada pelo próprio Freud. Para o psicanalista, o neurótico é um ser envolvido pela dor de uma experiência traumática, um momento de considerável impacto, como um “acidente” que marca o indivíduo.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud acrescenta que “[...] a vida onírica da neurose traumática apresenta a característica de reconduzir o paciente repetidamente à situação de seu acidente [...]. O paciente estaria fixado no trauma, por assim dizer” (FREUD, 2016, p. 48-49). Dessa maneira, o sujeito afetado pelo trauma age de um modo compulsivo, de impulsos que podem variar de uma demasiada tristeza a uma intensa violência.

Os sentimentos de luto e de melancolia presentes nas personagens de Valter Hugo Mãe são geradores do comportamento afetado das personagens, resultando em ações descontroladas, que podem ser vistas, segundo determinados parâmetros da vida em sociedade, anormais, não condizentes com um comportamento aceitável, como a da mãe, que se mostra como alguém dilacerado pela angústia, pela tristeza da perda.

Portanto, é possível concluir como tal personagem sucumbe à morte da filha, tanto no sentido emocional quanto no físico, pois sua dor transcende ao ponto de fazer com que ela se viole, estando presa a um sofrimento que sente e nunca se encerra, uma melancolia sem fim. Do mesmo modo, Halla e o pai são atingidos pelo luto e pela melancolia, cada um nas devidas proporções, tendo suas vidas completamente marcadas por este episódio, no qual as feridas são cruciais no percurso do romance, alterando permanentemente a realidade de cada um deles.

É demonstrado o quão impactantes os aspectos aqui analisados são relevantes, já que as personagens são moldadas pela ruptura abrupta causada pela morte de um ente querido. O fim do objeto amado é, por consequência, o fim do sujeito que o amava, pois com aquilo que se foi vai também todo o investimento psíquico e emocional que as personagens, agora enlutadas e melancólicas, exerceram.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Melancolia de esquerda. A propósito do novo livro de poemas de Erich Kastner*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: volume um*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

LA ROCHEFOUCAULD. *Máximas e Reflexões*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Data da Submissão: 30/04/2018

Data da Aprovação: 08/11/2018